



RESENHA

**ELLWANGER, Tiana Maciel. *Jornadas de junho: 5 anos depois.*
Rio de Janeiro: Autografia, 2018. 336p.**

Rianna de Carvalho Feitosa
Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (PPGA/UFPB).
E-mail: riannadecarvalho@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 2, n. 9, p. 309-316, jul./dez. 2019.

ISSN 2447-9837

A vantagem de lançar um livro cinco anos após os principais acontecimentos que ele narra é ter acesso ao seu futuro, isto é, ter conhecimento do desenrolar da história, da sucessão de fatos que a construíram, podendo, assim, compreender mais claramente as causas e os efeitos. Ao mesmo tempo, no período de cinco anos, os sentimentos da época ainda podem ser captados. Faz sentido recontá-los e revivê-los pela proximidade da história, porque tudo ainda se encontra muito vivo e o eco do passado ainda ressoa.

Esse foi o alvo da jornalista Tiana Ellwanger, que com seu livro *Jornadas de junho: 5 anos depois*, busca compreender o que foram as manifestações iniciadas em junho de 2013, considerando todas as suas complexidades. O livro é fruto de uma dissertação de mestrado em comunicação, defendida em 2017, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. A dissertação foi editada e adaptada e o livro lançado no dia 20 de junho de 2018 – exatos cinco anos após o ápice das manifestações que começaram a ganhar força em 6 de junho de 2013, na cidade de São Paulo, e que depois se espalharam por várias cidades no Brasil e no exterior.

Uma das principais preocupações da autora é a percepção de que as jornadas de junho foram um movimento que sofreu muito silenciamento e que estão sendo rapidamente esquecidas, além de estar se emaranhando na mente das pessoas, sendo facilmente confundido com as manifestações que aconteceram entre 2015 e 2016, por exemplo, que culminaram no *impeachment* da até então presidente Dilma Rousseff. Parte do livro foca na questão da memória, muito cara para Ellwanger. Ela nos conta que os primeiros vídeos que viu de transmissões ao vivo das manifestações no Rio de Janeiro hoje já não estão mais disponíveis. Isso desperta diversas questões sobre a perpetuação da memória alternativa à da TV e sobre como a história que hoje vivemos será contada daqui a alguns anos.

Muito afetada e impressionada pelas manifestações, ela mergulhou nas análises das mais diversas fontes de informação sobre os protestos e suas consequências, produzindo um texto muito rico, didático e envolvente, repleto de fotografias, de imagens, de notícias, de *prints* e de gráficos, além de histórias curiosas, narrativas e explicações de cunho teórico.

O livro se divide em quatro partes que pretendem contextualizar histórica e



socialmente as manifestações, analisando a forma como elas foram noticiadas pelas mídias e fazendo reflexões acerca do papel da memória e da contemporaneidade. O primeiro capítulo traz um retrato das manifestações, mostrando seus aspectos mais importantes, os principais acontecimentos e muitas informações sobre números, datas e locais. É uma verdadeira imersão nos protestos, que tenta compreender as suas múltiplas camadas, mostrando diversas dimensões e perspectivas, localizando-as sempre em seu contexto histórico e mundial. É também nesta parte que a autora procura captar o que moveu os manifestantes: suas causas, motivações e reivindicações. Os manifestantes de 2013 são identificados como uma maioria de jovens, de até 25 anos, com nível superior de ensino, que se informavam através das redes sociais e sem preferência declarada por partido político.

No segundo capítulo é feito um paralelo entre a Mídia Ninja (MN) e o Jornal Nacional (JN) - dois canais de comunicação que possuem perfis bem distintos, sendo a Mídia Ninja considerada um canal alternativo à grande mídia, firmando um posicionamento alinhado à esquerda política e o Jornal Nacional um dos maiores representantes da mídia tradicional e dos interesses de uma parcela mais conservadora da população. A autora evidencia a disparidade das suas maneiras de narrar a história. São contrapostos os modelos narrativos utilizados por cada um e seus padrões estéticos, de aproximação e de interpretação: o jornalismo tradicional com um olhar panóptico – sempre localizado no alto e longe dos manifestantes –, trazendo poucas vozes e fazendo defesa das instituições, do patrimônio público e, especialmente, do privado; e a mídia alternativa com sua parcialidade declarada, trazendo coberturas ao vivo, cheias de emoção, sem edição, feitas de dentro dos protestos e com a presença de gritos e vozes dos mais diversos.

Já o terceiro capítulo foca na memória, querendo desvendar como funciona o dispositivo mnemônico. A autora aponta a importância das emoções na fixação das memórias, esclarecendo que ela não é neutra e, ainda, que se transforma ao longo do tempo. Também é feita uma análise de como a memória tem se modificado, em uma época de valorização intensa do tempo presente (presentismo) e na qual a maior parte das pessoas têm acesso a dispositivos com câmeras – o que permite que os registros se intensifiquem e se multipliquem, podendo causar o que ela aponta como



sendo uma fragmentação da memória. Ademais, são apresentados e trabalhados novos fenômenos, tais como memória digital, pós verdade, *fake news*, filtro bolha etc. Por fim, na conclusão, somos convidados a refletir sobre a contemporaneidade, o presentismo e o futuro da memória.

O objeto de pesquisa escolhido por Tiana Ellwanger é difícil de ser compreendido e definido. Isso porque as manifestações populares sobre as quais ela escreveu estão circundadas por contradições e polêmicas e porque, juntas, produziram um período inédito e inesperado – algo que nenhum acadêmico, político ou analista poderia ter previsto. Foram atos grandiosos, com potencial de mudar para sempre o futuro do país. A abordagem realizada pela pesquisadora é original, diferenciando-se das outras publicações sobre o tema por não seguir uma análise em forma de “linha do tempo”. Ellwanger reúne uma infinidade de fontes, transitando pelos fatos colhidos, indo e vindo no tempo, na tentativa de elucidá-los para o leitor. Ela não se limita às narrativas, destacando elementos relacionados à estética, aos corpos, às performances, aos gritos etc. Somos convidados a passear por dados brutos, mapas, chamadas para eventos do *Facebook*, *posts*, comentários, *tweets*, textos de *blogs*, cartazes, *pixações*, *lambe-lambes*, *print* de vídeos do *Youtube*, notícias, reportagens, capas de revista...

Na intenção de localizar historicamente as manifestações e rastrear antecedentes, ela nos relembra de eventos como a Revolta do Buzu, que aconteceu em Salvador em 2003; a Revolta da Catraca, de 2004 em Florianópolis; a fundação do Movimento Passe Livre (MPL), por ocasião do Fórum Social Mundial de 2005, em Porto Alegre; e outros movimentos similares que tiveram lugar em Vitória (2006), Teresina (2011), Aracaju e Natal (2012) e Porto Alegre e Goiânia (início de 2013). Além deles, a autora traz protestos mais antigos como a Revolta do Vintém, ocorrida entre 1879 e 1880, e a Revolta das Barcas, de 1959, no Rio de Janeiro e em Niterói, respectivamente.

Todos esses eventos acima citados têm em comum motivações ligadas ao mau serviço e às altas tarifas do sistema de transporte público. No entanto, os protestos de junho de 2013 parecem se diferenciar em muito de todos os que os antecederam. Foram as maiores manifestações vividas no Brasil desde 1992. Mas quando



comparadas a outros movimentos (que apresentavam causas claras, narrativas mais fechadas e reivindicações específicas), as jornadas de junho parecem uma grande incógnita: quando se olha para trás não é possível falar com completa certeza sobre o que aconteceu. As ações surgiram a partir de “uma centelha de indignação”: o aumento de 20 centavos no valor da passagem de ônibus em diferentes capitais, mas se tornaram muito mais do que se poderia imaginar.

2013 trouxe uma série de rupturas e mudanças e sua dinâmica mais se assemelha ao que a autora chama de “protestos em rede”, a exemplo do que ficou conhecido como Primavera Árabe; o movimento *Occupy Wall Street*; o movimento de secundaristas do Chile; *Los Indignados*, na Espanha etc. Foram protestos que aconteceram simultaneamente em todo o país, atingindo cerca de 611 cidades, sendo 583 no Brasil e 73 em outros locais do mundo, mobilizando mais de 1,5 milhão de pessoas. Tiana Ellwanger aponta também a característica autorreflexiva do movimento, composto por manifestantes questionadores, que valorizavam os processos decisórios e pensavam sobre as ações realizadas e os resultados alcançados, organizando assembleias populares, grupos de trabalho organizados por eixos temáticos, votações etc.

Ellwanger avalia que a repressão desproporcional da polícia, logo nos primeiros dias de protesto, funcionou como gatilho para o aumento do número de manifestantes nos dias que se seguiram. As imagens da violência policial, compartilhadas largamente pela internet, teriam contribuído para gerar um sentimento de solidariedade entre as pessoas. Esse sentimento teria feito com que cada vez mais gente decidisse participar dos protestos.

Com o crescimento dos protestos, a pauta inicial, dos 20 centavos, foi sendo sobreposta por outras. Surgiram as mais diversas reivindicações que partiam de diferentes interesses. A autora define os protestos como multicausais e apresenta cinco macrotemas que abarcariam o que estava sendo pedido nas ruas: política, economia, direitos básicos, liberdades individuais e copa do mundo. As pautas tinham uma coisa em comum: a negação e rejeição do *status quo* e o desejo de algo “novo”. Esse desconforto com a contemporaneidade estaria baseado na falta de um sentimento de representatividade política e na insatisfação com as respostas que a democracia estava gerando. Isso somado à sensação de conexão e empoderamento dada pelo acesso



às redes sociais, criou um ambiente propício para uma reinvenção da participação política, “rebeldes sem uma causa comum” enxergaram nas ruas uma possibilidade de efetuar as mudanças que desejavam.

O foco das análises presentes no livro está no período de junho de 2013 a fevereiro de 2014. São levadas em consideração todas as manifestações ocorridas nesse espaço de tempo, mas, em especial, aquelas que aconteceram no Rio de Janeiro. A autora examinou 45 edições do Jornal Nacional e mais de 30 horas de vídeos das transmissões realizadas pela Mídia Ninja para realizar um balanço das diferenças e semelhanças das abordagens de cada cobertura. Sua principal preocupação era compreender como as manifestações foram retratadas pela mídia tradicional e pela mídia alternativa e como isso pode influenciar na forma como percebemos e lembramos desses acontecimentos.

Somos convidados a repensar se a democratização do acesso à informação é sinônimo de liberdade. Nos perguntar se algumas informações não são capazes, de forma contraditória ao que se propõem, de nos aprisionar e de limitar nosso pensamento. Reavaliar a forma como absorvemos notícias e informações e perceber se nossas opiniões não estão sendo manipuladas. Somos apresentados a conceitos como o de grande mídia, mídia alternativa e *fake news*, instruídos sobre o funcionamento de algoritmos, robôs e filtros bolha. Percebemo-nos perturbados por uma pergunta: como as novas tecnologias influenciam na democracia?

A grande mídia, representada pelo Grupo Globo e, em especial, pelo Jornal Nacional (programa televisivo de maior audiência da televisão brasileira) é uma das principais outorgantes do “fazer histórico”. Sendo assim, são importantes os apontamentos feitos no livro sobre o direcionamento e as abordagens das reportagens apresentadas no JN. É evidenciada a edição e os cortes realizados nas entrevistas transmitidas, a ausência da voz dos manifestantes ou dos usuários de transporte público e o foco excessivo dado aos episódios do que chamam “vandalismo” e aos transtornos causados no trânsito das grandes cidades pelos protestos. Nas interpretações apresentadas por Ellwanger, as reportagens do JN evitavam apresentar as causas, contextos e reivindicações das manifestações, demonstrando maior interesse na defesa do patrimônio do que na integridade física e psicológica dos participan-

tes. O redirecionamento da atenção para os atos de vandalismo e para a dicotomia “manifestantes versus policiais” silenciaria as pautas das ruas e as vozes dos manifestantes, apagando o caráter político dos atos narrados.

Do lado oposto é apresentada a mídia alternativa, representada pela Mídia Ninja. Ninja é acrônimo para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, grupo que se apresenta como uma rede de comunicadores que produz e distribui informações em movimento, agindo e comunicando. A MN se autodeclara midiativista e tem a parcialidade como princípio (acredita que nenhuma construção humana tem a capacidade de ser imparcial). Sendo assim, seus participantes admitem ser parte integrante dos movimentos que reportam, abraçando a subjetividade e prometendo um olhar horizontal e maior proximidade aos acontecimentos narrados, no intuito de mostrar como é “estar lá”. As divulgações da MN acontecem integralmente pela internet, a partir de plataformas independentes, via *streaming*.

A autora aponta que o surgimento de redes de jornalismo experimental e independente, como a MN, criam um novo fenômeno comunicacional. Tais fenômenos demonstraram ter implicações políticas, por criarem uma arena na qual cada vez mais pessoas ganham voz. As transmissões ao vivo também modificam o *status* de verdade do que é repassado pelas mídias para a população: acompanhar os acontecimentos em tempo real confere maior credibilidade aos acontecimentos. Os expectadores experimentam a sensação de estar nas ruas. O *streaming*, segundo a autora, também é capaz de despertar os sentimentos de empatia e de ressonância. Os acontecimentos acompanhados sem edição ou cortes reverberam mais facilmente nos que assistem, contagiando-os e despertando sentimento de solidariedade.

A ressonância, nos explica Tiana Ellwanger, ajuda a fixar os eventos na memória, pois os torna fundamentalmente ligados a emoções e a afetos desenvolvidos. Testemunhos que antes eram experienciados por um único indivíduo agora podem ser infinitamente reproduzidos e compartilhados. É uma rede policêntrica, unida pela internet, pelas emoções e pelo reconhecimento de alguns heróis e mártires em comum. Entre eles aparecem nas narrativas do livro Rafael Braga, Elisa Quadros, Amarildo, Marielle Franco e Santiago Andrade.

As emoções e os sentimentos aparecem como elementos-chave na tentativa



de entender os mecanismos da memória e seus futuros possíveis. A autora se pergunta e nos faz refletir sobre como e o que determina o que lembramos e o que esquecemos. Evidencia que a nossa forma de lembrar das coisas vem se modificando, por influência do fluxo contínuo de informações às quais somos expostos. Compreender que a memória se transforma ao longo do tempo e que ela não é neutra é essencial para identificá-la como mais um campo de disputa e assimilar que ela pode ser modulada pelas intencionalidades de grupos, de acordo com interesses específicos.

Nessa onda de acontecimentos sobre os quais trata o livro de Ellwanger, o esquecimento parece ser mais grave do que a lembrança. Não há forma de assegurar que boa parte das gravações e outras formas de registro das manifestações continuará arquivada em meios digitais e disponível para a população por muito mais tempo. Vivemos na era da efemeridade programada, quando as coisas e os conteúdos parecem ter data certa para expirarem. Essa fragilidade, somada ao que a autora chama de esquecimento midiático e às diversas tentativas de desqualificar e menosprezar os protestos já no período em que estavam se desenrolando, parecem condenar 2013 a ter seus valores históricos e sua memória cada vez mais menosprezados.

Parecemos tão distantes e, ao mesmo tempo, tão próximos de 2013. Essa distância pode ser intensificada pelo presentismo, sentimento que se opõe ao futurismo, que glorificava o que estava por vir. No presentismo pouco nos importa o que houve e o que virá, o que importa é o agora, somos preenchidos pela quantidade de informações que absorvemos diariamente. Deste modo, o presentismo torna tanto a história quanto o futuro cada vez mais distantes e desimportantes.

Em movimento oposto, *Jornadas de junho: 5 anos depois* existe para mostrar que o estudo do passado ajuda a compreender melhor o presente. E deixa em nossas mentes perguntas parcialmente respondidas, mas que devemos permitir que continuem ressoando: Como as manifestações de 2013 mudaram o país? Quem eram os manifestantes e por que estavam lá? O que eles pensavam e reivindicavam? Em que essas manifestações diferem de outras manifestações populares? O que elas têm de especial? Qual é a relação desses protestos com acontecimentos posteriores, como o impeachment de Dilma Rousseff, a morte de Marielle Franco e, agora, a eleição de Jair Bolsonaro como presidente do Brasil?

